

## **A Educomunicação: as trajetórias entre encontros e despedidas**

Eliany Salvatierra Machado

*Uma homenagem aos meus parceiros  
Educomunicadores; Ismar de Oliveira Soares,  
Rafael Alario e Patrícia Horta Alves*

O presente texto tem como proposta lembrar o companheiro e amigo Jorge Huergo e, ao mesmo tempo, apresentar parcialmente as contribuições do pesquisador ao campo da Educomunicação. Consideramos a palavra “homenagem” uma forma de lembrança, de respeito e reconhecimento pela trajetória de alguém. Por isso, aproveito para deixar publico o meu afeto pelos educadores citados, a eles devo uma parte muito importante da minha trajetória na Educomunicação.

Foi Huergo quem nos fez pensar sobre a entrada dos recursos tecnológicos (computador, internet etc) na Escola<sup>1</sup>. O estudo ora apresentado foi sistema-

---

1 HUERGO, Jorge Alberto. *Hacia una geneologia de comunicación/educación: Rastreo de algunos anclajes político-culturales*. 2005.

tizado a partir da leitura dos seus textos escritos e da entrevista gravada que nos concedeu na cidade de La Plata , Argentina, em 2007. Huergo nos demonstra que necessitamos de vigilância epistemológica; a Educomunicação está cada vez mais sendo vinculado aos meios técnicos no espaço escolar e esse não é o princípio.

A partir do contato com Huergo foi que começamos a observar o número crescente, no Brasil, de grupos que querem “trocar” a denominação “Educomunicação” para “Educomídia” ou “Mídia-Educação”, dando ênfase, assim, à formação para o uso, leitura e escrita das mídias, ou que ainda definem Educomunicação como formação para o uso crítico e expressivo dos meios no espaço escolar. Para nós é importante não reduzir a Educomunicação aos meios ou à tecnologia.

A Educomunicação tem sido “significada” como “uso dos meios no espaço escolar”, tal conotação retira toda a complexidade das práticas e projetos já desenvolvidos. A Educomunicação deve, cada vez mais, ser reconhecida como práxis, e não “apenas” como uso dos meios.

Segundo Huergo, que não trabalhava com o termo “Educomunicação”, e sim com “comunicação/educação”<sup>2</sup>, não devemos dissociar o Campo emergente da cultura e da política. Com ele, percebemos o quanto nosso olhar minimizou a crítica perante a sociedade capitalista e que esta continua nos processos de desumanização. Na busca da legitimação das práticas educacionais, confundimos processo criativo com processo produtivo.

Huergo analisa que o campo da Comunicação/Educação tem sido reduzido, de maneira crescente, ao instrumental, separando-o dos processos culturais e políticos que servem de contexto e o atravessam. Para o pesquisador, existe um nó que amarra a Comunicação/Educação aos meios e aos recursos técnicos. O mesmo ocorre com as instituições educativas, com destaque para a escola, en-

---

2 Jorge Huergo, pesquisador argentino, nomeia a área de “Comunicação/Educação” para garantir a ideia de processo, e não por oposição ao NCE ou a Soares, que nomeiam o campo emergente no Brasil de Educomunicação. A trajetória de Huergo está ligada aos movimentos da teologia da libertação, à militância social e à comunicação popular, e menos ao reconhecimento do ofício e de sua formação.

tretanto, lembra Huergo: “a Comunicação/Educação não está ligada somente à produção dos meios e à escola”.

Para estudar o motivo pelo qual a Comunicação/Educação se vinculou aos meios e à instituição escolar, Huergo faz um diagnóstico para investigar como se deu a articulação do campo entre a educação e a cultura. Um bom diagnóstico consiste em situar a comunicação/educação entre a cultura e a política e entre os caminhos da história e os dos contextos geopolíticos.

O pesquisador aborda a articulação existente entre o educativo e a cultura nos discursos teóricos, considerando duas etapas na configuração do campo: a genealógica e as referências teóricas que fundam o campo. Huergo analisa a Comunicação/Educação, na Argentina, por meio da genealogia de Domingo Faustino Sarmiento e Saul Alejandro Taborda, além de conceber Paulo Freire como fundador, assim como os autores da comunicação educativa intersubjetiva – Mário Kaplún entre eles.

As questões pesquisadas surgem a partir da prática educativa e, em certo sentido, comunicacional do pesquisador. As questões em forma de problematização aparecem na metade da década de 1970, quando trabalhava com setores populares. As inquietações persistiram, pois estavam relacionadas às práticas educativas e à cultura dos seus interlocutores.

Segundo Huergo, os diferentes contextos políticos – a devastadora ditadura militar, o advento da democracia, a criação e fortalecimento de espaços democráticos e o pesado e injusto neoliberalismo – modelaram as diversas formas da cultura e deixaram profundas marcas e questionamentos que são chaves importantes sobre o sentimento político-cultural daquilo que entendemos por educativo.

Para Huergo, a cultura sempre esteve presente na relação educacional. O autor procura pesquisar as possibilidades e as limitações do planejamento e da gestão de processos comunicacionais educativos. Tenta abordar a problemática geral do diagnóstico, planejamento e gestão de processos de comunicação/educação, entretanto realiza o trabalho, reconhecendo as limitações das perspectivas instrumentais, que são:

1. Abordar as questões de maneira abstrata é reduzir a discussão a perspectivas instrumentais;
2. O campo Educação/Comunicação tem sido reduzido ao instrumental, sendo, então, separado dos processos políticos e culturais que servem de contexto.

O pesquisador questiona como foi construído o campo da Comunicação/Educação, assim como a articulação entre a educação e a cultura. Dessa forma, realiza a problematização do diagnóstico, planejamento e gestão de maneira integral e complexa, e não meramente instrumental. Para o pesquisador, o referencial teórico é uma produção de significados: “Existem as teorias que assumimos e outras que ressignificamos”.

É o projeto neoliberal na educação que acaba enredando a comunicação/educação aos meios (tecnologia), tanto para a formação dos usos como para sua leitura crítica. O campo é, no entanto, um espaço de formação de subjetividades, de sensibilidades, e não de instrumentalização racional. “Depois dos cálculos estão os homens” escreve o autor.

A Educomunicação ganhou, no contato com o pesquisador, um sentido – e não um significado – uma energia, uma espécie de algo incorpóreo, não físico, onde a comunicação acontece. A Educomunicação seria o espaço para acolher o diálogo.

A questão política e cultural são elementos fortes nos trabalhos de Huergo. Provocados por ele, resolvemos refletir sobre a tecnologia e a Escola. Na Educomunicação, há uma linha de práticas e estudos nomeada de mediação tecnológica e várias vezes o Campo confunde-se com formação para os meios ou midiática (para as mídias, compreendidas como televisão, jornal, rádio e, pós-década de 1990, internet).

Retomamos o tema das tecnologias sob a perspectiva do debate proposto por Adorno e Horkheimer. Sabemos, entretanto, que, no campo da Comunicação, depois da chegada dos Estudos Culturais, esses autores foram praticamente abandonados, como se fossem ultrapassados. Não obstante, esquecem os jovens pesquisadores a força que os textos têm.

No livro *Dialética do esclarecimento*, encontramos a semente que questiona a razão, ou seja, o próprio saber, colocando-o em xeque e revelando o desejo de poder que o esclarecimento almeja. O caminho que percorremos neste texto é: provocações e ruídos de Jorge Huergo, razão, tecnologia e desejo de poder.

Ao retomar Adorno, Horkheimer e a discussão sobre o esclarecimento, não temos a intenção de fixar a nossa análise na perspectiva crítica, do ponto de vista econômico. Reconhecemos a possibilidade das brechas discutidas nos estudos da mediação e da cultura, todavia não vamos “jogar a água do banho do bebê com o bebê fora”. Ser otimista não implica não ser crítico.

Recordemos que o programa do esclarecimento significava o desencantamento do mundo, a libertação do homem que vivia nas trevas, sob a égide da ideia da fé e das consequências do pecado. Ao longo da história, percebemos, entretanto, que a razão, o saber, o esclarecimento, enfim, não nos tornaram seres humanos melhores. Fomos capazes de criar Auschwitz, Hiroshima, Nagasaki, Bósnia, Irã, Iraque e produzimos os horrores que ferem a consciência do mundo na faixa de Gaza. Isso sem contar com a indústria da pobreza e da fome, produzida pelo uso inadequado das próprias tecnologias que garantem a riqueza.

A proposta filosófica da modernidade tinha como meta dissolver o mito ou substituir a imaginação pelo saber. Temos a presunção de que dominamos a natureza: “Se nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática.”<sup>3</sup> Criamos um afastamento para, pelos efeitos da distância, conseguirmos abstrair e, com isso, analisar as coisas (esse também é o pressuposto nos métodos clássicos da ciência de observação e análise).

Cabe ressaltar, porém, que o saber ou conhecimento que se torna poder não conhece barreiras, escrevem Adorno e Horkheimer:

Os reis não controlam a técnica mais diretamente do que os comerciantes: ela é tão democrática quanto o sistema econômico com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse saber, que não visa

---

3 ADORNO; HORKHEIMER, *op. cit.*, p. 17.

conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital.<sup>4</sup>

A técnica é a consequência ou o resultado da capacidade humana de abstrair, de calcular, de transformar a natureza. A tecnologia é produto (coisa) da técnica, e o preço que pagamos para o desenvolvimento tecnológico foi nosso afastamento dos mitos. Com isso, afastamo-nos também do mundo natural e, conseqüentemente, do nosso próprio mundo.

Cindimos a capacidade de conhecer da capacidade de perceber. Afastamo-nos, talvez por medo, da submissão de toda e qualquer forma de credo que cultivasse a espiritualidade. Substituímos a imaginação. A mesma que nos possibilita criar e visualizar outros mundos, passear por lugares que não existem e, assim, pensar que outras realidades são possíveis.

Ao estudar especificamente, Adorno e Horkheimer, percebemos que eles tinham a intenção de criticar o esclarecimento para, com isso, libertá-lo do que o aprisionava. Segundo esses autores, estávamos de olhos fechados, como a imagem da justiça, só que com um tipo de venda que não nos deixava ver os limites da razão.

Adorno e Horkheimer demonstraram como a sociedade burguesa, com a ascensão do capitalismo, “coisificou” a produção cultural. O conceito de “indústria cultural” mudou o nosso olhar em relação ao processo civilizatório, deixando o burguês consciente envergonhado de si mesmo.

O campo da Comunicação serviu-se do conceito de indústria cultural para denunciar os meios e a concentração das empresas de comunicação. A partir da década de 1990, os estudos culturais assumem as perspectivas, as análises e, especialmente, as discussões sobre o que pode ou não a comunicação compreendida como meios. Mesmo com as críticas à perspectiva crítica, acreditamos que são válidas as considerações e ponderações feitas por Adorno e Horkheimer a respeito das manifestações artísticas, produtos de uma socie-

---

4 *Ibid.*, p. 18.

dade capitalista que consegue transformar valores simbólicos em valores de troca, ou seja, mercadoria.

Mesmo apreciando os produtos da cultura: cinema, televisão e tudo o que a capacidade técnica e criativa do homem conseguiu produzir com a imagem, não podemos deixar de levar em consideração as relações e, particularmente, os interesses econômicos que estão em torno dessas produções. Resgatar Adorno e Horkheimer fez-nos perceber quanto o campo da comunicação é injusto e joga fora uma análise refinada que nos auxilia no exercício da reflexão, e por que não dizer da própria crítica.

No caso específico do objeto em pauta – as tecnologias da informação-, a questão não é apenas estar contra ou a favor da técnica na educação. Não podemos cair numa armadilha dualista de caráter eminentemente maniqueísta. É de certa forma ingênuo acreditar que o homem abriu mão de seu desejo de poder e dominação.

Pensemos a técnica como capacidade humana de transformar a natureza – e, sem essa capacidade, o humano estaria fadado à extinção. Há, porém, outra forma de entender essa capacidade transformadora do humano.

Podemos acreditar que a capacidade de transformar a matéria e a utilização dos recursos naturais para garantir a sobrevivência da espécie foi a única saída para que o ser humano não desaparecesse nos primórdios da humanidade. É possível, entretanto, pensar também que, enquanto éramos nômades, assim como alguns animais, tínhamos a possibilidade de nos servir do que a natureza nos oferecia.

No lugar de dominar o meio ambiente ou lutar contra ele, poderíamos ter aceitado a sua força e a sua produção no tempo e no espaço – primavera, verão, outono, inverno, norte, sul, leste, oeste, frio e calor. O homem deslocava-se e tinha em suas mãos tudo o que o espaço podia oferecer. O homem migrava e se movimentava.

Reconhecer a natureza ao invés de querer dominá-la (no movimento que sedentarizou o humano) não nos teria impossibilitado a criação e, consequentemente, a construção técnica. Um leitor mais afoito logo perguntaria: Qual a diferença? A diferença reside no princípio potencializador da criação.

Uma coisa é criar imbuído do espírito da dominação; outra é realizar atos com o espírito da potencialidade criadora que gera a obtenção do poder para alcançar o belo, o agradável, o aprazível e, com isso, poder deleitar-se, nada impedindo de também usufruir.

A questão do poder criativo não está, contudo, na criação, mas em todo o processo em que o produto é a própria criatura. Victor Frankenstein, personagem da autora Mary Shelley, é um bom exemplo ficcional disso.

O debate não é novo, porém ainda não está resolvido. Fechar os olhos para a reprodutibilidade técnica, porque esta oferece a produção cultural para uma sociedade que se massificou, talvez não seja a melhor saída, e muito menos a única. Benjamin, mesmo sendo um otimista das possibilidades tecnológicas e demonstrando que elas trazem um novo *sensorium*, não está livre de reflexões e análises.

Talvez tenha sido um desvio, ou mesmo um equívoco, o caminho que a discussão sobre a técnica tomou na Comunicação. Por outro lado, este se justifica com o pressuposto hegemônico do chamado campo comunicacional: a razão e o seu desejo de poder.

A capacidade criadora e criativa do ser humano é o que nós, educadores, temos que primeiramente reconhecer em nós mesmos e assim cultivar. A possibilidade de criar e de fazer escolhas nos permite o impulso, o desejo, a produção e a busca do belo, usando um termo mais complexo para não cair no reducionismo da palavra “belo”: a busca da “estética”. O conceito de belo aqui não é apropriado, já que este nos remete aos cânones da Grécia Antiga ou aos grandes mestres da pintura. Não é o caso. Estética serve melhor para a nossa discussão.

A estética é a capacidade criadora potencializada pela sensibilidade, pelas sensações e sentimentos. É também o lugar sensível que possibilita a transformação da matéria, mas não com o espírito utilitário. É este fator que faz o campo da estética não estar no campo da razão e do domínio. Este, pelo menos, não é comum no espírito do artista. A estética associada à ética é a potência criativa com compromisso.



A técnica consiste em instrumentos: matéria transformada. É o processo criativo que transforma essa matéria; essa é a potência. O que temos que trabalhar nas práticas educacionais não é o uso dos instrumentos já criados – este fator pode até fazer parte do programa. O cerne do programa deve consistir em garantir a criação, e esta não acontece quando encerramos a imaginação em prol do discernimento ou do conhecer.

Por isso, até podemos dar acesso aos instrumentos: computador e internet, pois a nossa sociedade desigual não permite a aproximação dessas ferramentas. A criatividade é a força inventiva do ser humano, e não a tecnologia ou o aparato em si.

A criação e a potencialidade criadora são tantas e tamanhas que, por exemplo, a cada dia tomamos conhecimento de novas possibilidades criadas por grupos economicamente desfavorecidos em relação ao computador e à internet.

A questão não é de tecnologia, de coisa, mas da relação que estabelecemos com a coisa. A relação pode ser racional – capacidade que conhece ou que pode conhecer e modificar por meio do espírito da dominação. A relação criadora também conhece, mas delega à percepção a capacidade de transformar a coisa, não para dominação, mas para deleite. Há, na perspectiva criadora, uma mudança de fundo, de princípio e, sobretudo, de relação.

É possível pensar a técnica não como dominação, mas como potência criativa. O princípio não seria dominar a natureza para que esta atenda às necessidades, mas perceber a natureza para que, em relação com ela, o humano possa servir-se dela e assim garantir a sua sobrevivência. É uma mudança de princípio.

Huergo fez-nos questionar, pensar sobre a Educomunicação e, especialmente, sobre os projetos que querem introduzir a tecnologia na escola. A partir da provocação foi que paramos para pensar sobre a tecnologia. Somos gratas a esse companheiro educador por não ter sido um autômato, por não estar com os olhos vendados à razão e ao que ela pode.

Atualmente a tecnologia está embalada na ideia de modernidade, de criatividade e de possibilidades comunicativas. Porém, avança o mercado que gira em torno dessas ideias. Não é a posse de um computador que fará o ser humano criativo, mesmo que o aparelho possa ser um instrumento de criação. Não é

a internet comercialmente paga pelas empresas privadas que ampliará a ação comunicativa. A tecnologia como produto não será um bem social.

A nossa proposta é que a tecnologia seja um bem social e que a Educomunicação seja espaço de relação dialógica fundada no princípio da alteridade. Que juntos possamos construir uma sociedade justa.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor W.; Max HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. 4. ed. Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

AYVÚ-ETÃ Comunicação e Projetos. *Todos os contos: verificação do imaginário infanto-juvenil – uma experiência de Educomunicação*. Goiânia, GO: AYVÚ-ETÃ Comunicação e Projetos e Rede ANDI Brasil, 2004.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender, a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume, 2002.

BOUDIEU, Pierre. *Sobre La Televisión*. 2. ed. Traducción : Thomas Kauf. Barcelona: Ed. Anagrama, 1998.

BOWM, David. *Diálogo: comunicação e rede de convivência*. Tradução: Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: Questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução: Marta Ekstein de Souza Queiros e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Eu e Tu*. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CANCLINI, Néstor García *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. *A socialização da Arte: teoria e prática na América Latina*. Tradução: Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_ et al. *Diálogo com la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá-Colômbia, Santafé de Bogotá: Siglo Hombre Editores, Universidad Central, Departamento de Investigaciones, 1998.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação*. 3. ed. São Paulo: Senac, 1999.

DUARTE, Jorge; Antonio BARROS. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed., Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. Tradução: Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HUERGO, Jorge A. *Hacia una genealogía de comunicaión/educación: rastero de algunos anclajes políticos-culturales*. La Plata, Argentina: Ediciones de Periodismo y Comunicación, Universidad Nacional de La Plata, 2005.

HUERGO, Jorge A. *Comunicación/Educación: âmbitos, prácticas y perspectivas*. La Plata Argentina: Ediciones de Periodismo y Comunicación, Universidad Nacional de La Plata, 1997.

KAPLÚN, Gabriel. *Aprender y enseñar en tiempos de internet*. Formación profesional a distancia y nuevas tecnologías. Montevideo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Comunicación, educación y cambio*. La Habana: Caminos, 2001.

KAPLÚN, Mario. *Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)*. La Habana: Caminos, 2002.

\_\_\_\_\_; HERMOSILLA, Maria Elena. *La educación para los médios em la formación Del comunicador social*. Montevideo, Uruguay: Fundación de Cultura Universitária Licenciatura de Ciencias de La Comunicación de La Universidad de La República, 1987.

LEÃO, Maria Izabel, *O papel da Internet nos projetos educacionais do NCE/USP*. São Paulo: ECA/USP, 2008. (dissertação de mestrado).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Pré-textos, conversaciones sobre la comunicacion y sus contextos*. Cali, Colômbia: Ed. Centro Editorial Universidad del Valle, 1995. (Coleccion Ensayo Iberoamericano)

\_\_\_\_\_; MUNÓZ, Sonia (Coordinadores). *Televisión y melodrama, géneros y lecturas de la telenovela en Colombia*. Colômbia: Ed. Tercer Mundo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Modernidades y destiempos Latinoamericanos. NÓMADAS*, número 08, Bogotá – Colômbia, 1998.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e cidade: entre meios e medos. Novos Olhares*, número 1, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Heredando el futuro. Pensar la educacion desde la comunicacion*. NÓMADA, número 05, Bogotá, Colômbia, 1997,

\_\_\_\_\_. *La educación desde la comunicación*. Colombia: Grupo Editorial Norma, 2002.

\_\_\_\_\_. *Oficio de cartógrafo*. México: Fundo de Cultura Econômica, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos*. *Agenda do educom.rádio* num.1, São Paulo, 9 a 16 set. 2003.

\_\_\_\_\_. *Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. *Contato*, ano 1 num.2, Brasília, jan/março, 1999.

\_\_\_\_\_; DIDONÉ, Iraci Maria (org). *O jovem e a comunicação*. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos. *Eccos Revista Científica Uninove* (v.2 n.2), São Paulo, dez, 2000b.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases e a comunicação no sistema de ensino. *Revista Comunicação & Educação* (8), São Paulo, 1997, p.23-26.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação*. São Paulo: Cidade Nova, 1997.

\_\_\_\_\_. Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida. *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. *Revista Comunicação & Educação* (10), São Paulo, set/dez 1997, p. 57-68.

SOUSA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense; ECA-USP, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Novas linguagens*. São Paulo: Salesiana, 2001.

## Sobre a autora

Eliany Salvatierra Machado - Professora do Departamento de cinema e Vídeo e do Programa de Pós-Graduação em Cinema e audiovisual – PPGCINE da Universidade Federal Fluminense. E-mail: elianys@gmail.com. Resumo parcial da pesquisa que compõe a tese de doutorado defendida em 2009, com o título Pelos caminhos de Alice: vivências na Educomunicação, a dialogicidade no projeto Educom.TV. ECA/USP.